

MENTES MONSTRUOSAS: AS CONTRIBUIÇÕES ATUAIS DA PSICANÁLISE SOBRE A PSICOPATIA

MONSTROUS MINDS: CURRENT CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS ON PSYCHOPATHY

JENYFER STEPHANIE DE **MELLO**. Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ

FRANCIELLE **GONZALEZ**. Professora Mestre do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

Rua: das Rosas, Nº 162 B, Jardim Maravilha – Maringá-PR. E-mail: jenyfer.mello@outlook.com

RESUMO

O tema psicopatia é, ainda, pouco discutido nos dias atuais se comparado a outras organizações psíquicas, a sociedade convive com os ditos “psicopatas” todos os dias, mas possui poucas informações sobre eles, assim, o presente trabalho tem o objetivo de analisar as contribuições atuais da psicanálise sobre a questão. Neste estudo, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, além de uma abordagem qualitativa, que foi realizada eletronicamente a partir de acesso a base de dados PSIQUE que pertence à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Foram encontrados 70 documentos, mas apenas 8 artigos foram selecionados. Essa seleção de artigos se baseou na questão “quais são as contribuições atuais da psicanálise acerca do termo, da personalidade e do tratamento da psicopatia?”. O estudo profundo do tema psicopatia apresenta ser incipiente, de forma que, por meio dos diversos adjetivos como antissocial, manipulador, intratável, sem culpa, entre outros, gera-se um retrocesso nos estudos clínicos dos pesquisadores, apresentando uma impotência diante dos casos apontados como os mais complicados e desafiadores. Com isso, torna-se extremamente importante reconhecer a dinâmica das características da personalidade do psicopata, a compreensão clássica e pós-freudiana relacionada à estrutura psíquica dele, para que os profissionais futuramente estejam mais aptos a desenvolver tratamentos e reabilitação desses pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopatia. Psicanálise. Estrutura Psíquica. Tratamento.

ABSTRACT

The topic psychopathy is still little discussed today compared to other psychic organizations, the society coexists with the so-called "psychopaths" every day, but they have few information about them, so the present work has the objective of analyzing the current contributions of psychoanalysis on the issue. In this study, a bibliographic research was carried out and a qualitative approach was used, which was done electronically from the PSIQUE database that belongs to the Brazilian Society of Psychoanalysis of São Paulo (SBPSP). We found 70 documents, but only 8 articles were selected. This selection of articles was based on the question: "what are the current contributions of psychoanalysis about the term, personality and treatment of psychopathy?" The deep study

about the subject psychopathy shows to be incipient, in which, through the various adjectives such as antisocial, manipulator, intractable, without guilt, among others, generates a regression in the clinical studies of the researchers, presenting an impotence in the indicated cases as the most complicated and challenging. Thereby, it becomes extremely important to recognize the dynamics of the characteristics of the psychopath's personality, the classical and post-Freudian understanding related to the psychic structure of the same, so that professionals in the future are better able to develop treatments and rehabilitation of these patients.

KEYWORDS: Psychopathy. Psychoanalysis. Psychic Structure. Treatment.

INTRODUÇÃO

O tema psicopatia é, ainda, pouco discutido nos dias atuais se comparado a outras organizações psíquicas, a sociedade convive com os ditos “psicopatas” todos os dias, mas possui poucas informações sobre eles. Segundo Shine (2000), a maioria das pessoas acredita que os psicopatas são aqueles que cometem homicídios de total crueldade, mas sabemos que um psicopata muitas vezes não mata. A Revista Mente e Copo (2015) diz que 4% da população mundial é psicopatas, ou seja, em um grupo de 25 pessoas, 01 é psicopata. Foi uma pesquisa realizada pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro “Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado”. A Revista Super Interessante (2016) diz que há 69 milhões de psicopatas no mundo, sendo 1% da população mundial, acrescenta ainda que, na população carcerária, são 20% psicopatas. Observando essas porcentagens, pode-se dizer que ter uma melhor compreensão do funcionamento dos psicopatas é uma tarefa de importância relevante para a humanidade.

Dessa forma, quando se trata de psicopatia, segundo Castro e Campos (2011), o maior problema seria o seu tratamento, pois não há, até hoje, um tratamento que tenha sido eficaz. A psicanálise, em sua orientação, não concorda com as propostas de excluir e segregar o sujeito pelos saberes disciplinares, isto é, percebe-se que tais enquadramentos classificatórios acabam afastando as possibilidades de intervenção, pois nomeiam o paciente como um psicopata e intratável, devendo manter-se pelo resto da vida isolado do convívio social. Observa-se que os profissionais na área da saúde mental estão buscando alternativas para identificar um psicopata, uma delas é a utilização dos testes. Para Cunha (1993), o teste psicológico pode servir como um bom material intermediário entre o profissional e o sujeito a ser avaliado, é um meio para reduzir o tempo de duração do contato necessário para conhecer o paciente. Com isso, cada profissional usará os testes conforme com a sua particularidade em investigar a ausência ou presença de determinada característica, qualidade ou tipo da relação objetal, entre outros, até concluir o diagnóstico.

O psicopata não se considera um doente, não é habitual um psicopata buscar ajuda em um consultório, mas sim, as pessoas que sofrem em consequência de seus atos. Assim, torna-se relevante compreender a dinâmica e as características da personalidade dos psicopatas, considerados como grandes dissimulados e manipuladores, sendo um grande desafio para os psicanalistas. Os diversos adjetivos atribuídos aos psicopatas, como

antissocial, manipulador, intratável, sem culpa, entre outros, geram um retrocesso nos estudos clínicos dos pesquisadores, apresentando uma impotência diante dos casos apontados como os mais complicados e desafiadores. Com isso, são importantes as compreensões clássicas e pós-freudianas relacionadas à estrutura psíquica do psicopata, para que os profissionais futuramente estejam mais aptos a desenvolver tratamentos e reabilitação desses pacientes.

Em vista disso, o presente trabalho tem o objetivo de analisar as contribuições atuais da psicanálise sobre o tema da psicopatia e buscou responder a questão: “quais são as contribuições atuais da psicanálise acerca do termo, da personalidade e do tratamento da psicopatia?”.

Assim, o presente artigo será organizado nos seguintes tópicos que nos permitiram aglutinar o material de pesquisa selecionado: o conceito de “Psicopatia”; a constituição psicopatológica na psicopatia; sua estrutura psíquica; a teoria do Winnicott sobre a tendência antissocial; a diferença entre os termos *Serial Killer* e *Assassinos em Série*, e por último, a visão psicanalítica do tratamento de psicopatas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi embasada em uma abordagem qualitativa, a qual, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de algum fenômeno sem a representação numérica. Os pesquisadores que empregam tal prática buscam explicar os porquês dos fatos, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas. É possível classificar a pesquisa em mãos, em uma abordagem descritiva. Ainda de acordo com os autores, a pesquisa descritiva exige do pesquisador uma série de informações sobre o objeto pesquisado, para com isto, descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Quanto ao procedimento, será realizada uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é realizada através de investigações de referenciais teóricos já analisados, e publicada por meios escritos e eletrônicos (livros, artigos científicos, páginas de web sites, entre outros meios). Essa pesquisa bibliográfica buscará referências teóricas publicadas com a finalidade de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Diante dessas questões, o levantamento bibliográfico foi realizado eletronicamente a partir de acesso a base de dados PSIQUE, esta foi fundada em 1989 e inclui de documentos no acervo: livros, periódicos, anais, teses, separatas, entre outros. Essa base de dados pertence à Biblioteca Virginia Leone Bicudo que começou suas atividades 1977, é especializada em Psicanálise e assuntos correlatos, a qual contempla aos Membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Para a efetivação da pesquisa, foram utilizadas as palavras chaves “Psicopatia e Psicanálise” para que o sistema localizasse fontes referentes aos tópicos elencados. Com isso, foram encontrados 70 documentos que consistiam em artigos de periódicos, capítulos de monografia e capítulos de conferências. Observou-se que, entre os 70 documentos, havia uma diversidade de línguas como: Português, Inglês, Espanhol e Francês.

Com a finalidade de separar os documentos que têm qualidade e

fidedignidade aos objetivos da pesquisa, dos que não tem, realizou-se uma leitura crítica dos resumos, quando disponíveis, ou os documentos foram selecionados a partir da identificação das palavras chaves que correspondiam ao tema pesquisado. Deste modo, sete artigos foram selecionados, mas salientando que a presente pesquisa restringiu-se a um importante banco de dados nacional sobre Psicanálise, todos foram fundamentais para elaboração deste trabalho.

ANÁLISE DOS CONCEITOS

Conceituar a psicopatia envolve uma grande complexidade, pois, ao longo dos anos, o termo foi alvo de várias influências, em seu desenvolvimento na vertente científica. Philippe Pinel (1745-1826), um médico francês que contribuiu muito para o tratamento das doenças mentais, mencionou que a causa da personalidade do psicopata era um aspecto sociocultural, uma má-criação, tendo uma proposta terapêutica baseada na etiologia externa, com isso, Pinel formulou a concepção de “loucura moral” (CASTRO; CAMPOS, 2011).

A terminologia “psicopata” já existia desde o início da história da psiquiatria, quando era considerada como uma doença mental. Atualmente, é considerada um fenômeno psicopatológico. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) a classifica como sendo um “Transtorno da Personalidade Antissocial” (F60.2). Ela seria um padrão invasivo de depreciação e violação dos direitos alheios, sendo que o diagnóstico é realizado no sujeito que tem no mínimo 18 anos de idade e apresenta transtornos de conduta (irritabilidade e agressividade, ataques com violência e crueldade em pessoas e animais, ausência de arrependimento, uso de nomes falsos, fraudes e furtos para ganho e prazer pessoal, impulsividade e fracasso com os planejamentos, desrespeito às normas, entre outros) antes dos 15 anos de idade que continuam na vida adulta, além disso, o comportamento antissocial não acontece somente durante o curso da esquizofrenia ou transtorno bipolar (DSM 5, 2014).

Já na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), esse transtorno é chamado de “Transtorno de Personalidade Dissocial”, esse transtorno de personalidade define-se por uma indiferença das obrigações sociais, falta de empatia para com os outros. Encontra-se um desvio considerável entre o comportamento e as normas sociais estabelecidas, o qual é dificilmente corrigido pelas experiências adversas, até mesmo pelas punições. Há uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade (OMS, 1993).

Na literatura psicanalítica, o termo psicopatia foi usado por Freud em sua obra “Tipos Psicopáticos no Palco” (1905 ou 1906), no qual Freud enfatiza que o teatro se iniciou por ritos sacrificiais no culto dos deuses, proporcionando uma função catártica, conforme o personagem que sofre no palco libera parte do sofrimento comum de todos. Freud, nessa obra, analisa a peça Hamlet, de Shakespeare, e diz que Hamlet vai tornando-se um psicopata ao longo da peça, pois os espectadores levam-no à loucura por se identificarem e

reconhecerem o conflito inconsciente em jogo (FREUD, 1942 [1905 ou 1906]).

Desse modo, segundo Freitas e Rangel (2011), a psicopatia é um sinônimo de transtorno de personalidade antissocial, que manifesta uma disposição constante de agressividade, crueldade e maldade, causando mal para outro e caracterizando, assim, a perversão social. A nosografia psicanalítica compreende a perversão como uma estruturação subjetiva, ou seja, como uma das saídas possíveis do complexo de Édipo, ocupa uma posição na presença da ameaça de castração. Portanto, SILVA (2015) distinguiu a psicopatia da perversão, pois a perversão por ser uma estrutura psíquica, apresenta várias categorias, dentre elas, o transtorno de personalidade antissocial. Deve-se atentar aos variados quadros clínicos que podem apresentar características semelhantes sem que seja, realmente, um caso de transtorno da personalidade antissocial.

No ponto de vista da teoria de Fenichel (1945), a psicopatia no que nomeou de Psicopatas Narcisistas, apresenta uma personalidade com fixação narcísica-oral, devido à falta de relações objetais permanentes na primeira infância, pois uma fixação oral ou experiências traumáticas tendem a dificultar o estabelecimento completo e definido de um superego efetivo. Dessa forma, não é que os psicopatas não tenham superego, mas esse superego está incompleto ou é patológico, pois as reações do ego ao superego patológico apresentam as ambivalências e contradições que foram sentidas em relação aos seus primeiros objetos. Os psicopatas narcisistas apresentam necessidades eróticas e narcísicas, por conflitos entre rebeldia e favorecimentos, estão sempre insatisfeitos e desejam vingar-se dessa insatisfação. As anomalias estão ligadas diretamente à história infantil, como casos de mudanças frequente de meio, ambiente sem amor, influência do meio muito irregular, entres outros.

A CONSTITUIÇÃO PSICOPATOLÓGICA NA PSICOPATIA

No que diz respeito à constituição psicopatológica, segundo Monteiro e Rocha (2007), nas psicopatias os sintomas são as formas de manifestação das perturbações e alterações nas relações narcísicas interpessoais e/ou sociais, que, na perspectiva psicanalítica, se fundamentam na compreensão do fenômeno psicopatológico. Os autores mencionam Freud quando diz que o sintoma, numa percepção da associação livre, determina-se em uma análise da linguagem, pois o próprio sintoma é estruturado como linguagem da qual a fala deve ser libertada.

Já para Sagawa (1993), o sintoma é um investimento de simbolização de uma exagerada excitação sexual que causa a explosão da organização psíquica. Essa explosão também é um mecanismo que leva a uma ação formada pela incompetência do Eu perverso em poder controlar o excesso dos seus investimentos pulsionais. Com isso, Sagawa (1993) coloca o sintoma como um trauma que instiga a capacidade de simbolização de quem foi por ele afetado, pois sua função dirige-se na experiência subjetiva dos homicidas, o que estimula os seus crimes apesar de não os justificarem.

Segundo Muribeca (2008), na obra “O mal estar na civilização” (1930) Freud diz que o mal é um impulso inato do homem, e, com isso, é instigado a satisfazer nas outras pessoas toda sua agressividade e crueldade, utilizá-las sexualmente sem sua permissão, apoderar-se de seu próprio gozo. Essa teoria

considera que o ódio está fundamentado em todas as relações de amor e afeto entre os homens. Com isso, segundo o autor, a maioria dos psicopatas vivenciou em seu desenvolvimento situações de humilhação e sofreu abusos emocionais, físicos e sexuais por parte dos pais e/ou familiares. Ao analisar suas histórias de infância, é explícita a falta de cuidados maternos, pouco contato físico com as figuras parentais e ausência de relações afetivas, de forma que eles são incapazes de estabelecer vínculos com as pessoas. No entanto, é importante ressaltar que o psicopata não comete homicídios por terem sofrido traumas na infância e sim por desenvolverem modelos de pensamentos perversos.

Seguindo no pensamento de Freud, Monteiro e Rocha (2007) menciona sua obra “Além do princípio do prazer” (1920), associa-se a compulsão à repetição com a pulsão de morte, pois a repetição compulsiva pode ocorrer quando se tem inibido ou impedido a capacidade criativa de ressignificar os acontecimentos, mas também pode ser um sintoma de tentativa de controle de uma vivência traumática. No amor objetal consiste sempre em dois polos ambivalentes: o amor e o ódio, com isso esclarece o motivo da pulsão sexual consistir sempre como um componente sádico e agressivo, que, ao torna-se independente, pode controlar toda a atividade sexual do sujeito, configurando-se em uma perversão. Portanto, antes da organização genital, o papel fundamental do componente sádico da pulsão sexual é a de dominar o objeto.

Em vista disso, para Monteiro e Rocha (2007), o psicopata nada mais é do que uma consequência da “sodomização” e “tiranização” das vítimas, de forma que adquire, em cada evento, um “refinamento” dos atos sádicos. Segundo os autores, chamaram essa atitude de Overkill, sendo uma representação artística da perversão que se origina de uma negação da castração, proporcionando assim a fantasia imaginária de um gozo total, livre do sentimento de culpa e de limites. Essas fantasias de totalidade imaginária sustentam e estimulam o desenvolvimento dos conteúdos agressivos. Em vista disso, o ato de assassinar não é o objetivo do psicopata, mas o desejo da destruição que acaba sendo neutralizado por um desejo de devoramento, executado através de processos ritualísticos e compulsivos.

Ainda de acordo com os autores, a conduta ritualística funciona como um tipo de técnica auxiliar para a frequente reconstrução das fantasias de destruição, que ocorre na revivência das experiências anteriores na realidade atual. Nesse sentido, essa descarga pulsional da repetição se realiza por meio do *acting out*, na dinâmica própria do psiquismo perverso, no qual a conduta ritualística objetiva aliviar a angústia de castração e ter um triunfo sobre ela. Esse triunfo geralmente é representado por algum objeto que pertence a vítima, são os ditos objetos-fetiches, importantes para que os psicopatas possam reviver as satisfações eróticas e pulsionais, servem como reassuramento da angústia e a sensação do poder fálico (MONTEIRO; ROCHA, 2007).

Por fim os autores acreditam que, a partir do momento que o psicopata se nega a sujeitar-se a algo mais poderoso do que seu próprio falo, ele apresenta uma onipotência narcísica na qual o desejo torna-se ilimitado, irracional, determinante. Perversidades que são consumadas contra o outro funcionam como “combustível a ser queimado para que a máquina que põe em movimento o narcisismo possa produzir ilusões cada vez mais tentadoras” (MONTEIRO; ROCHA, 2007, p.57). Portanto, o desejo de conquistar sempre o

pleno gozo, faz com que o psicopata repita compulsivamente os atos perversos de suas fantasias, não temendo a castração que significa não temer as regras sociais (MONTEIRO; ROCHA, 2007).

A ESTRUTURA PSÍQUICA NA PSICOPATIA

Acerca da estrutura, de acordo com Muribeca (2008), é importante deixar claro que nem todo assassino que pratica vários crimes é um psicopata, assim, pode-se dizer que há os psicóticos ditos loucos e os psicopatas ditos perversos. Os psicopatas são criminosos organizados, isto é, preparam todos os detalhes de seus crimes sem deixar rastros no local que possam identificá-los, não apresentam transtorno mental e são considerados responsáveis diante da lei, capazes de serem encaminhados para prisão, quando não conseguem manipular a lei. Essa afirmação está relacionada à afirmação de Sagawa dizendo que acusar psicopaticamente uma pessoa implica converter uma denúncia em uma condenação, pois acusação psicopática fundamenta-se na lei do Gerson (ter vantagens sobre tudo e todos) e a lei de Talião (“dente por dente, olho pó olho”), sempre empregados para os outros e nunca para ele mesmo, sua aparente sanidade dificulta que ele seja reconhecido e julgado pelos seus atos, tornando-o mais perigoso.

Para Muribeca (2008), enquanto isso, os psicóticos são considerados criminosos desorganizados, isto é, são mais impulsivos e negligentes, sofrem de um transtorno mental, não são responsáveis por sua conduta criminosa por não terem consciência de seus atos e geralmente são encaminhados para os manicômios judiciários. Os criminosos psicóticos são classificados como esquizofrênicos paranoides, suas características são de delírios ilógicos, alucinações, desligamento da vida real, pensamentos confusos, agressividade emocional e perturbações afetivas. Sua conduta é decorrência de seus delírios paranoides, ouvem vozes e apresentam alucinações que impulsionam aos diversos homicídios.

WINNICOTT E A TENDÊNCIA ANTISSOCIAL

O Winnicott (2005) descreve estrutura a psíquica da psicopatia como uma tendência antissocial. Para esse autor, ela tem uma origem na insuficiência do meio, na etapa da dependência relativa (é uma fase que vai dos 6 meses aos 2 anos, a criança se conscientiza de sua sujeição) havendo um verdadeiro desapossamento (privação). A desposseção ocorre nas primeiras etapas da vida do bebê. O ambiente (relação com o outro, por exemplo, com a mãe) exerceu-se adequadamente até que originou um fracasso importante, no qual o bebê foi capaz de perceber que esse fracasso derivou-se do ambiente. Assim, todos os seus comportamentos são determinados por essa percepção e a reivindicação autêntica que o bebê faz ao ambiente, apesar de reivindicar ao ambiente atual um mal produzido por um fracasso do ambiente inicial (fracasso da mãe). Essas reivindicações (reclamações do bebê pelas falhas ambientais, um grito de requisição) para produzir reações do meio são uma tentativa de encontrar um âmbito que simboliza o corpo ou abraço da mãe. Esses comportamentos manifestam-se por meio de duas tendências: a busca do objeto (a criança busca alguma coisa, quando tem esperança) e a destruição (comportamento impulsivo).

Na tendência antissocial, ocorre uma sequência de fracassos em sua estruturação: inicialmente o desenvolvimento se realizou de forma correta e a sustentação materna proporcionava a integração do eu. Num segundo momento, sucede-se uma perturbação da integração egóica por um tempo exageradamente maior para capacidade da criança em permanecer numa boa relação com o objeto. A origem dessa perturbação pode ser tanto a perda de adaptação da mãe quanto a perda do ambiente inabalável que consentia a criança ter experiências e oportunidades de descobrir os seus próprios impulsos eróticos e destrutíveis. Em vista disso, começa uma reação e uma elaboração de novas defesas egóicas com o decorrente prejuízo do processo de amadurecimento do eu na etapa da dependência relativa. A criança perde a relação afetiva com outro, e também a capacidade de sentir culpa, devido à omissão de oportunidade de reparação (WINNICOTT, 2005).

Abadi (1998), seguindo o pensamento de Winnicott, acredita que os primeiros transtornos de comportamento geralmente manifestam-se na infância, visto que se dirigem ao fracasso da adaptação dos pais. Este quadro clínico engloba os caprichos, a voracidade, as queixas excessivas, a negação em separar-se dos pais, assim, a manifestação desses sintomas é uma tentativa de obter a reparação da relação com os pais, que são responsáveis pela despossessão, mas também os pais podem curar os sintomas por meio de novas adaptações e ações de retificação. Caso os pais falhem no papel de compensar e curar, os primeiros sintomas inserem-se a enfermidade que se expressará, por exemplo, pela enuresia, o furto, as mentiras, os comportamentos agressivos, as atitudes destrutivas, a compulsão a crueldade, certas perversões sádicas e até a psicopatia. Esses comportamentos antissociais têm dois objetivos: a tentativa de obter novamente o momento da despossessão em que o ambiente era sustentador e seguro; ou desejo de que o ambiente atual possa reconhecer e corrigir o mal que castigou-lhe (ABADI, 1998).

De acordo com Abadi (1998), as privações mais graves e os fracassos que ocorrem sucessivamente na busca de um ambiente continente (um ambiente acolhedor e não punitivo), proporcionarão um estado de profunda decepção e desesperança que, como consequência, formará uma estruturação psicopática. Segundo autor, “o psicopata é uma criança antissocial que não foi curada” (p.156), ou seja, os mecanismos de defesas se estabelecem e a esperança de reparação perde-se. Com isso, a psicopatia tem como características a crueldade, insensibilidade e violação à sociedade, de forma que a possibilidade de ser punido é maior, mas torna-se maior ainda a possibilidade de adquirir benefícios como: ter soberania, o ganho material e sensação de poder sobre outro.

Já Muribeca (2008) acredita que um indivíduo com Transtorno de Personalidade Antissocial pode ser considerado psicopata ou sociopata, sendo importante esclarecer a diferença entre essas duas patologias. O sociopata é menos teatral e mitomaníaco do que o psicopata, geralmente sua conduta apresenta mais anomalias e hostilidade nos relacionamentos com as outras pessoas e debate com mais sinceridade contra as normas sociais. O psicopata atua de maneira mais dissimulada para encobrir o seu caráter transgressor das normas sociais. Uma pessoa sociopata tem dificuldade e/ou não aprendeu a ter emoções, empatia e uma conduta social, diferente do psicopata que não foi capaz de desenvolvê-las. Assim, o sociopata burla o social que está mais

diretamente relacionado com a criminalidade do que cometer assassinatos, apesar de que, ao considerar uma pessoa como obstáculo não tem nenhum problema em eliminá-la. Já o psicopata burla a vida cometendo homicídios dos mais cruéis, considerado como um assassino em potencial que, raramente, quando deixa de cometer algum assassinato é devido ao fator estressante que estimula ao ato de crueldade não foi ativado.

SERIAL KILLER OU ASSASSINOS EM SÉRIE?

A literatura consultada traz a diferenciação entre os conceitos de *Serial Killer* e Assassinos em Série. De acordo com os autores Muribeca, (2008) e Monteiro e Rocha (2007), em 1970, os termos Serial Killer e Assassinos em Série foram utilizados pelos investigadores Pierce Brooks e Robert Ressler, agentes do FBI e analistas de perfil psicológico. O termo *Serial Killer* foi definido como indivíduos que cometem crimes em três circunstâncias distintas, que se sucedem em diferentes intervalos de tempo e com muita semelhança na conduta criminosa entre os eventos, fundamentada numa impulsividade sexual de natureza narcísica.

Para os autores, os Assassinos em Séries se distinguem por matarem duas ou mais vítimas num mesmo evento, além de elegerem suas vítimas controlando todos os detalhes, desde elaboração do crime até sua consumação e eliminação das provas. Portanto, ambos apresentam uma compulsão descontrolada para vivenciar experiências de satisfação, ou seja, satisfazer suas fantasias com requinte de crueldades inimagináveis e proporcionando a cada assassinato um ritual insaciável.

Segundo Muribeca (2008), os elementos que conectam os crimes em série são o “modus operandi” que assegura o bom resultado do assassino durante o crime, preservando sua identidade e evasão. Outro elemento é o “ritual”, uma conduta que se exalta o necessário para realização do homicídio, isto é, para a satisfação da fantasia. Por último, o elemento de assinatura é a ligação dos comportamentos identificados a partir da forma de operar e do ritual executado, assim, a assinatura é sempre única e própria como uma impressão digital. Em vista disso, para o *serial killer* ou assassino em série, o crime é sua própria fantasia, uma verdadeira atuação artística que foi planejada e realizada por ele na realidade, e a vítima é o produto que consolida suas fantasias. A busca intensa pela satisfação e a constante repetição de suas condutas ajuda em reativar suas fantasias, o que possibilita que ele se sinta extremamente vivo.

PSICOTERAPIA PSICANÁLITICA E PSICOPATIA

No que diz respeito ao tratamento, Winnicott (2005) diz que o tratamento de pacientes com tendência antissocial pode ocorrer nos primeiros cuidados com a criança, quando a despossessão pode ser corrigida por um ambiente reparador. É o ambiente que deve proporcionar uma nova ligação egóica, pois a criança já tem a percepção de que o ambiente falhou na sustentação do ego resultando originalmente na tendência antissocial. Assim, na psicoterapia o apoio adequado impulsiona a criança a voltar ao momento antecedente da despossessão e a redescobrir o objeto bom e o ambiente continente que lhe possibilita a sentir os impulsos sexuais e agressivos. O analista deve

possibilitar que a carga intensa da transferência se desenvolva na situação analítica de forma externa ou interna, sendo importante que o analista esteja preparado para aguentar o impacto dessa transferência (ABADI, 1998; WINNICOTT, 2005).

Segundo Munhoz (1987-1988), numa visão Kleiniana, a compreensão psicanalítica dos fenômenos implicados na psicopatia poderá, talvez, possibilitando o tratamento de indivíduos ativos e integrantes na sociedade, constituir-se num impedimento para os fatores que podem conduzir para tal desenlace. A superação dos obstáculos para a análise acontece por meio da análise da contratransferência, na qual a comunicação do paciente para o analista realiza-se de forma pré-verbal, por meio da identificação projetiva no analista de experiências que elaboram a realidade interna do paciente. Assim, o paciente utiliza a expressão pré-verbal para satisfação dos desejos inconscientes e eliminação do desprazer, provocando no analista uma angústia, esse fenômeno é chamado de transferência ou relação analista-paciente psicopática.

Ainda de acordo com o autor, essa transferência psicopática é como uma relação de objeto no qual o paciente identifica projetivamente (contratransferência) no analista certas angústias e fantasias, enquanto o paciente não se sente culpado, mas vítima. Esse é o mecanismo no qual o psicopata regressa à delinquência, utilizando o mecanismo de defesa para identificação projetiva de suas frustrações, reservando-lhe a função de fazer sofrer e, infelizmente, o seu desfecho não concebe a sua parte de sofrimento, além de, por efeito, não alterar seu comportamento. Assim, considera-se importante que, na situação analítica, ocorram as ações contratransferências para compreensão e interpretação transferencial (MUNHOZ, 1987-1988).

Monteiro e Rocha (2007) completam a importância de compreender que não será o psicopata que buscará a análise, mas sim parte de pessoas que sofreram as consequências de seus atos, pois geralmente os psicopatas não reconhecem a dimensão patológica de suas ações, pelo contrário, sentem-se satisfeitos pela forma que seus atos que favorecem a sua vida erótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a importância deste trabalho em fornecer, ainda que sucintamente, informações referentes às contribuições atuais que a psicanálise traz sobre o termo psicopatia. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, realizada eletronicamente, observei que há poucos estudos atuais sobre o tema, fazendo-se necessário utilizar alguns artigos de publicações antigas para a elaboração do trabalho. Observei também que, de 70 artigos encontrados na biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, somente sete estavam correlacionados aos objetivos específicos da pesquisa, principalmente sobre o tratamento dessa patologia. Acredito que devido à psicopatia ser uma patologia considerada intratável pela psicanálise, torna-se um campo de estudo escasso, no qual o único auxílio terapêutico efetivo ocorrerá através de um processo judicial, em que o indivíduo ficará isolado da sociedade.

Dessa forma, ao analisar os artigos verifiquei que a psicanálise define uma personalidade psicopática como um indivíduo que vive em conflito com as normas sociais, apático diante dos sentimentos dos outros, uma compulsividade de enganar, desrespeito pela segurança alheia e ausência de

culpa. Por mais que haja uma definição de psicopatia, ao infiltrar-se na mente do psicopata, estamos imergindo num verdadeiro labirinto e teremos que desvendar os enigmas acobertados por ele. Assim, os autores trazem diferentes considerações de estrutura psíquica do psicopata, tais como: os psicopatas organizados (perversos) que arquitetam todos os aspectos de seus crimes, buscando não deixar pistas na área do crime que possam identificá-los; os psicopatas desorganizados (psicóticos) que apresentam um histórico de problemas mentais, sendo muito impulsivos e descuidados, tanto na vida pessoal quanto em seus crimes.

Discute-se também, como estrutura psíquica da psicopatia, a tendência antissocial que está relacionada ao fracasso do processo de socialização da criança, quando a organização de sintomas e as condutas manifestam uma reação frente a despossessão, numa busca exaustiva de reparação. Quando essa busca é fracassada, o indivíduo pode apelar para a sociedade, por meio de comportamentos agressivos ou transgressores. Já outros autores diferenciam os ditos *Serial Killer* dos “assassinos em série” pelo número de vítimas, os *Serial Killer* apresentam um número de três vítimas em diferentes intervalos de tempo, os assassinos em série matam quatro ou mais vítimas ao mesmo tempo.

Portanto, conclui-se que a compreensão e o tratamento dessa patologia torna-se um grande problema para a psicanálise e especialistas, pois é como se estivéssemos procurando encontrar e entender o humano que se esconde por detrás de um “monstro” que considera as outras pessoas como meros objetos ou coisas, que devem ser usadas impulsivamente, sempre que necessário, para a satisfação do seu prazer pessoal, sem nenhum remorso.

REFERÊNCIAS

ABADI, S. A tendência anti-social. In: ABADI, S. **Transições: modelo terapêutico** de D. W, Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p.151-60.

CASTRO, M. E. F. G.; CAMPOS, G. R. M. A Psicanálise Frente aos Significantes Supremos na Contemporaneidade. **Responsabilidades**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 133-143, mar./ago. 2011. Disponível em: <<https://bd.tjmg.jus.br/jspui/bitstream/tjmg/582/7/Responsabilidadesv1n1.pdf#page=133>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CUNHA, J. A. et al. **Psicodiagnóstico** – V. 5. ed. rev. e ampl. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <<https://professorsauloalmeida.files.wordpress.com/2015/02/psicodiagnoc3b3stic-o-v-jurema-alcides-cunha.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FENICHEL, O (1945). Perversões e Neuroses Impulsivas. In: FENICHEL, O. **Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e bases da doutrina psicanalítica**. São Paulo: Editora Atheneu, p. 304-359, 2006.

FREUD, S. (1942). **Personagens psicopáticos no palco**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, v. VII.

FREITAS, F. F.; RANGEL, F. B. **Psicopatia: os caminhos recônditos da**

perversidade. Vale Itajaí, 2011. Disponível em:
<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Fernanda%20Feuser%20de%20Freitas.pdf>>.
Acesso em: 25 mar. 2018.

GERHARDT, E. T.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFGS, 2009.114 p.

Manual diagnóstico e estatístico de transtorno 5. **DSM-5**. American Psychiatric Association. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et al]. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. Porto Alegre: Artmed, 2014. xlv, 948 p.; 25 cm.

MONTEIRO, K. M. S. L.; ROCHA, Z. O agir perverso dos assassinos seriais. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, v.20, n.189, p. 52-61, 2007.

MUNHOZ, M. P. A. C. Micro experiências em psicopatia: um enfoque Kleiniano. **Boletim Científico SBPRJ**, v.1, n.4, p. 4-14, 1987.

MUNHOZ, M. P. A. C. Transferência psicopática. **Boletim Científico SBPRJ**, v.1, n.1, p. 28-38, 1988.

MURIBECA, M. M. M. A psicanálise frente ao fenômeno dos assassinos em série: a estrutura da maldade. In: PIMENTEL, D.; ARAUJO, M. G. **Interfaces entre a psicanálise e a psiquiatria**. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, p. 144-158, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação Internacional de doenças CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SAGAWA, R. Y. A psicopatia, em ato, com ou sem análise. **Perfil: Boletim de Psicologia**, n.6, p. 21-33, 1993.

SILVA, J. P. F. A Psicopatia a partir Psicanálise: **desmistificando a visão da mídia**. Caicó, v. 16, n. 37, p. 72-90, jul./dez. 2015. Disponível em:
<<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8075/6199>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SHINE, S. K. **Psicopatia**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

Revista Mente & Corpo. **De cada 25 pessoas no Brasil, uma é psicopata, diz autora de Best-sellers**. 10 nov. 2015. Disponível em:
<<http://www.revistacorpomente.com.br/noticias/a-cada-25-pessoas-no-brasil-uma-e-psicopata-diz-autora-de-best-sellers>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Revista Super Interessante. **Psicopatas S. A.** 31 out. 2016. Disponível em:
<<https://super.abril.com.br/comportamento/psicopatas-s-a/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social. In: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Trabalho original publicado em 1984[1960]; respeitando-se a classificação de Huljmand, temos 1984c[1960]).